



INCIDÊNCIA FORTE DE FOGO, MENOR DE ESTENFILOSE

Fogo bacteriano

A campanha de 2020/2021 fica marcada por um aumento significativo da incidência de fogo bacteriano, quer em intensidade quer ao nível da área afectada. Já na campanha passada tinham sido sinalizados alguns sintomas (muito pontuais), em pomares que nunca tinham tido sintomas. Isto fez com que a Direcção do Centro Operativo e Tecnológico Hortofrutícola Nacional – Centro de Competências (COTHN-CC) fizesse um ofício ao Ministério da Agricultura, a alertar para a possibilidade de estarmos perante um ano potencialmente perigoso. A razão deste ofício foi alertar para o facto de Portugal ter deixado, no fim de 2018, de ser zona protegida para a doença do fogo bacteriano, o que implicou que, a partir dessa data, se deixasse de aplicar a legislação que obrigava a empregar medidas de erradicação.

No arranque da campanha, mais precisamente entre o final de Março e durante o período da floração (fase de maior risco), os três modelos de previsão de risco e infecção por fogo bacteriano emitidos pelo COTHN-CC (cougarblith, maryblith e BIS) sinalizaram simultaneamente risco bastante elevado, devido à conjugação extremamente favorável das condições de humidade, precipitação e temperatura. Este foi o primeiro alerta de que a situação poderia ser bastante grave. E realmente, pouco mais de 15 dias depois do primeiro

alerta, começaram a ser visíveis os sintomas, quer em pomares com histórico quer em pomares que ainda não tinham qualquer registo da presença da doença, um pouco por toda a região Oeste.

Imediatamente se iniciou a remoção dos sintomas, com corte e queima dos mesmos, especialmente na produção organizada. Contudo, esta actuação foi insuficiente em algumas zonas, principalmente em zonas onde ainda nunca tinham sido sinalizados sintomas, o que fez com que a doença, face às condições favoráveis, progredisse muito rapidamente. As zonas mais afectadas foram as regiões de Torres Vedras (com elevado histórico), Cadaval e Bombarral.

Face a esta situação e ao facto de existirem muitos pomares abandonados, foi montada, com o apoio dos técnicos das organizações de produtores, da Associação Nacional dos Produtores de Pêra Rocha (ANP), da Direcção Regional de Agricultura e Pescas de Lisboa e Vale do Tejo (DRAPLVT), da Direcção Geral de Agricultura e Veterinária (DGAV) e dos municípios do Oeste, uma *task-force* para se identificar os proprietários dos pomares abandonados, de forma a fazer notificações para o arranque desses pomares.

Apesar destes esforços, existem ainda muitos pomares por limpar, pelo que será muito importante, após a colheita e durante o Outono e Inverno, fazer uma limpeza muito rigorosa de todos os sin-

tomas visíveis e, especialmente, dos canchros, que são os repositórios da bactéria durante o Inverno. Em paralelo, será necessário implementar legislação que torne obrigatória a actuação dos produtores. Assim, os técnicos das organizações associadas da ANP e do COTHN-CC já enviaram para a DGAV uma proposta de legislação, que esperemos que possa estar já em vigor na próxima campanha, de forma a se poder fazer uma limpeza efectiva de toda a região afectada.

Estenfiliose

Este foi o ano com menor incidência desde que teve início o grupo operacional ProtecEstenfilio, em 2018. Apesar de terem existido alguns períodos de risco, as temperaturas mantiveram-se relativamente baixas, o que pode ter ajudado a limitar a progressão da doença. Em simultâneo, a sensibilização para a limpeza de inóculo, que se tem feito nos últimos anos, pode estar a contribuir para a existência de menos inóculo. Porém, esta doença continua a ter um comportamento relativamente aleatório, pois temos parcelas lado a lado com incidências distintas. Por isso, continua a ser necessário fazer uma monitorização contínua ao longo do ano, para além de se tentar conhecer a patogenicidade das estirpes que existem nos pomares. ●

Carmo Martins, secretária geral do COTHN-CC